
APONTAMENTOS CRÍTICOS SOBRE A PAIXÃO SEGUNDO G. H., DE CLARICE LISPECTOR*

Leticia de Oliveira Cardoso**
Átila Silva Arruda Teixeira***

Resumo: *este breve trabalho tem como objetivo apontar importantes críticas literárias construídas sobre as primeiras obras de Clarice Lispector e sobre o romance A paixão segundo G.H., tendo como principal aporte os estudos de Benedito Nunes. Desde o primeiro momento, destaca-se a importância de questões ligadas ao existencialismo e à condição humana. De uma forma geral, pode-se concluir que há tanto as pesquisas de Nunes como as de outros importantes críticos um direcionamento para uma relação entre linguagem e ser, corroborada pela experiência limite de G.H. que vive sua Paixão oposta à Paixão do próprio Cristo, em uma travessia que a impele a refazer a sua própria existência.*

Palavras-chave: *Crítica literária. Existencialismo. A paixão segundo G.H.*

PARTINDO DE ANTONIO CANDIDO

Antonio Candido, no início da década de 1940, foi um dos primeiros críticos literários a reconhecer a qualidade das obras de Clarice Lispector. Ao relatar sua primeira experiência de leitura de *Perto do coração selvagem*, ainda quando a autora era apenas uma adolescente, em 1944, Candido (2004) teceu elogios ao romance destacando sua linguagem ao transpor com uma intensidade incomum uma subjetividade extremamente densa.

Em artigo pensado para o jornal impresso, Candido abordou a história da literatura brasileira para constatar que havia uma certa estabilização de um procedimento estilístico que acabou por ser

* Recebido em: 20.11.2020. Aprovado em: 29.12.2020.

** Licenciada em Letras-Português pela PUC Goiás.

*** Doutor e Professor do Curso de Letras e do Mestrado em Letras da PUC Goiás. *E-mail:* atilalit@gmail.com.



a via comum das expressões literárias: “Parece certo que o início de uma verdadeira reforma do pensamento literário tem de começar pelo forjamento de uma expressão adequada; mas no Brasil notamos certo conformismo estilístico” (CANDIDO, 2004, p. 87). O autor de *Formação da Literatura Brasileira* ponderou que devia existir uma sintonia entre língua e literatura, de tal forma que uma afinasse a outra, em uma “corrente dupla, de que saem as obras-primas e sem a qual dificilmente se chega a uma visão profunda e vasta dentro da literatura” (CANDIDO, 2004, p. 87). Ao ler o romance de estreia de Lispector, Candido admite um choque, pois teria entrevisto essa sintonia em uma autora até então desconhecida:

com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adapta-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns labirintos mais retorcidos da mente (CANDIDO, 2004, p. 89).

Candido continua sua análise ressaltando que a escritora nos deu um romance de tom mais ou menos raro em nossa literatura, ainda marcada por certa ingenuidade naturalista. Poucos são, para o crítico, os autores brasileiros que arriscaram realizar tentativas ousadas de escrever suas obras sem essa marca:

*quando mais não valesse, o livro de Clarice Lispector valeria como tentativa, e é como tal que devemos julgá-lo, porque nele a realização é nitidamente inferior ao propósito. Original, não sei até que ponto será. A crítica de influências me mete certo medo, pelo que tem de difícil e sobretudo de relativa e pouco concludente. Em relação a *Perto do coração selvagem*, se deixarmos de lado as possíveis fontes estrangeiras de inspiração, permanece o fato de que, dentro da nossa literatura, é performance da melhor qualidade* (CANDIDO, 2004, p. 90, grifo do autor).

Sendo assim, Clarice Lispector aceita a provocação de ultrapassar a mera tentativa e procura criar um mundo a partir das suas emoções e da sua sensibilidade, da sua própria capacidade de interpretação. Para Lispector, como para outros autores, a meta é buscar sentido da/na vida, penetrar no mistério que cerca o homem. Nesse aspecto, afirmou Candido:

antigamente, chamavam-se de análise os romances mais ou menos psicológicos, que procuravam estudar as paixões – as famosas paixões da literatura clássica – dissecando os estados de alma e procurando revelar o mecanismo do espírito. Hoje o nome convém a um número bem menos de obras. Os romances são mais universalistas, e as delimitações que os classificam perderam muito como sentido e como jurisdição. Aos livros que procuram esclarecer mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar, com um tempo mais acentuadamente psicológico, talvez seja melhor chamar romances de aproximação. O seu campo ainda é a alma, são ainda as paixões. Os seus processos e a sua indiscriminação repelem, todavia, a

ideia de análise. São antes uma tentativa de esclarecimento através da identificação do escritor com o problema, mais do que uma relação bilateral de sujeito-objeto (CANDIDO, 2004, p. 90, grifos do autor).

Desta maneira, pode-se ponderar que Clarice Lispector procurou situar seus romances em um polo oposto ao que até então era realizado, aprofundando na expressão literária como forma de descoberta de uma subjetividade latente, possibilidade entrevista em alguns escritores, como Machado de Assis, mas ainda posta em posição marginal no país. Candido chegou a afirmar que foram poucos os autores que conseguiram construir obras que impressionassem no quesito força mental, destacando que os romancistas do decênio de 1930 conseguiram adaptar os vocábulos ao seu caráter literário. Citando Mario de Andrade e Oswald Andrade, elogiando-os, Candido destaca os domínios desses durante a escrita, capaz de torná-la mais complexa ao colocar em consonância uma língua que seja paralela ao pensamento que influenciaria o outro, no caso, o leitor.

Clarice mostra indícios de quebrar algumas barreiras e não se restringir ao que até então era feito, saindo dos limites que ficavam os escritores da literatura brasileira daquela época. Antonio Candido, no artigo em questão, ficou surpreso com a capacidade da escritora de expressar de forma detalhada o que passava em uma subjetividade profunda. Ele afirmou que a obra *Perto do coração selvagem* nos levava, ainda hoje nos leva, de certa forma, a limites que foram poucos explorados, pois nos faz entrar em complicações retorcidas da mente (2004, p. 91). Tendo uma capacidade de ir ao nosso cotidiano, mas, ao mesmo tempo, não se detendo em aspectos meramente factuais, para Candido, Clarice nos faz refletir sobre o sentido da vida e nos impele a entrar em um questionamento constante conosco mesmo. Sua obra permite uma tensão psicológica, rompendo uma ideia de linearidade do tempo histórico/cronológico a qual a narrativa se refere.

O autor de *Formação da literatura brasileira* é bastante otimista ao falar da estreia de Lispector, nutrindo esperança de que a autora obtivesse sucesso no meio literário, por unir, na linguagem, o estranhamento e a surpresa, o cotidiano e a subjetividade e, por fim, além de se constituir como uma das primeiras e mais influentes vozes da crítica a saudar a obra da autora, enfatizou:

a intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade de vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização (CANDIDO, 2004, p. 93).

DESCONCERTOS CRÍTICOS SOBRE A OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector foi uma autora inovadora em sua escrita desde o seu surgimento. Seus textos, ao serem lidos, continuam chamando atenção pela escolha dos temas, por sua linguagem, seu jogo de palavras e fluxo de ideias que se organizam, gerando uma obra intimista. Mesmo perpassando por diferentes situações históricas e diferentes contextos, ela se mantém reconhecida até hoje. Por outro lado, há críticos que, desde o primeiro momento, não perceberam a obra da escritora dessa forma.

É o caso de Lins (1963). O importante crítico considerou o primeiro livro de Lispector possuidor de problemas de estruturação, constituindo um romance “inacabado”, revelador de uma “ex-

periência incompleta”. Lins escreveu, na segunda metade da década de 1940, um ensaio chamado “A experiência incompleta”, sobre os livros *Perto do coração selvagem* e *O lustre* e afirmou, de forma muito pejorativa, que um romance não poderia ser constituído somente com personagens e pedaços de histórias, revelando como ele percebia as narrativas de Lispector. Referindo-se aos dois livros publicados pela escritora, Lins menciona que as obras transmitiam nas últimas páginas uma sensação de que algo essencial deixou de ser captado durante a sua produção e, por fim, o autor de *Os mortos de sobrecasaca*, ao desenvolver sua crítica, expõe que se baseava em um conceito tradicional do gênero romance, contendo sua fundamentação enquanto estrutura (p. 186-193).

Lins não deixa de reconhecer, por outro lado, a originalidade da escritora, assim como seus méritos; porém, a partir de uma visão rigorosa, considerou os romances clariceanos como incompletos, apontando uma distancia estética existente em seu horizonte de expectativa. Assim, afirmou:

Romances, porém, não se fazem somente com um personagem e pedaços de romances, romances mutilados e incompletos, são os dois livros publicados pela Sra. Clarisse [sic] Lispector, transmitindo ambas nas últimas páginas a sensação de que alguma coisa essencial deixou de ser captada ou dominada pela autora no processo da arte de ficção (LINS, 1963, p. 192).

Lins (*apud* SÁ, 1979, p. 29) refere-se aos livros da escritora na categoria que ele chama de “literatura feminina”. Tendo-se caracterizado pelo temperamento feminino (potencial de lirismo, narcisismo, dentre outras formulações pensadas por ele) contendo de forma bastante visível e ostensiva sua personalidade. Ao finalizar seu artigo, Lins informou que a escritora era uma estreadora jovem, reconhecendo sua inteligência acima da sua idade, mas, mesmo assim, denunciou a falta de preparo da experiência vital, que vem do tempo, e a ausência da intuição necessária a um(a) romancista.

Por sua vez, Sergio Milliet, ao refletir sobre as narrativas de Clarice Lispector, também compara *O lustre* a *Perto do coração selvagem*. A preocupação do crítico é que a forma se transforme em fórmula:

Do ponto de vista psicológico, observa-se em O lustre, novo romance de Clarice Lispector, a mesma procura de fixação do imponderável e do diferente que caracteriza Perto do coração selvagem. Neste romance como no segundo publicado, a heroína vive entre a sensualidade e o pessimismo. Em perigo da fórmula, que a autora precisa obviar e que não raro a atraiçoa no seu último romance. O estilo é sem dúvida o grande trufo de Clarice Lispector, mas em ambos o seu isolamento no mundo é total, a sua insolubilidade completa (MILLIET, 1981, p. 40).

Destacando-se que Lins e Milliet ficaram, aparentemente, desconcertados com as primeiras obras de Clarice Lispector, acabaram por levantar apontamentos críticos em relação a possíveis entraves presentes na estruturação dos romances, isto é, na colocação do tempo e do espaço no plano da descontinuidade; porém, o segundo afirmou de forma mais assertiva que a escritora detinha a capacidade estética de fornecer vida própria às palavras, emprestando-lhes um conteúdo inesperado. Assim, a cada leitura que fosse realizada, ficaríamos ansiosos em saber como iria terminar o romance.

Massaud Moisés foi outro grande estudioso a abordar a obra de Clarice. Seu destaque se deve, para o pesquisador, a não se limitar aos aspectos romanescos e buscar a linha de uma literatura existencial/existencialista quando passa para o leitor essas sensações mencionadas. Segundo Moisés,

O existencialismo em Clarice Lispector cumpre á risca o modelo psicológico inscrito nessa filosofia de vida: toda a sua obra, desde Perto do coração selvagem até os textos póstumos (ainda que narrados na terceira pessoa), espraia-se como um imenso monólogo, com mais rigor, um solilóquio, uma vez que se processa perante um interlocutor, representado pelo leitor, pelo “eu” tornando objeto de si próprio. Como que ao espelho, o “eu” se narra interminavelmente, retomando sempre de um ponto diverso o círculo em espiral de sua ansiosa indagação (MÓISES, 1985, p. 458).

Coube, entretanto, a Nunes, a consideração, por parte da própria escritora, o posto de um de seus mais importantes críticos. Seu primeiro estudo referente à obra da autora foi *O mundo de Clarice Lispector*, 1966. A importância de Nunes como leitor da obra de Lispector é tamanha que, certa vez, ao ser questionada por um repórter, durante uma entrevista, a autora citou o crítico, afirmando que durante a leitura de seus textos, ela descobre coisas sobre ela mesma (apud SÁ, 1979, p. 189). Fascinado, Nunes se referenciava a autora com muito respeito e prestígio, sem aludir à questão feminina, diferindo de Lins, que expressava certa inferioridade por essa condição: “esse tipo de criação literária não se ajusta muito bem os temperamentos femininos; e talvez seja essa razão capaz de explicar porque a escola realista e a escola naturalista não foram propício às mulheres escritoras, salvo com outro caso de inteligência” (LINS, 1963, p. 186).

Nunes, de uma forma geral, construiu leituras sobre o texto de Lispector que abordavam sensações como a náuseas, a angústia, os dilemas da existência humana, tudo amalgamado de forma imbricada com a linguagem. O crítico também apontou que, conforme a história vai ocorrendo, o leitor começa a fazer parte desse mundo ficcional.

A paixão segundo G.H., publicado em 1964, intitulado por muitos como um romance existencial, ocupa posição de destaque nas obras de Lispector. A começar por haver um contato efetivo com seus leitores, já externado no início do livro:

A POSSÍVEIS LEITORES

Este livro é como um livro qualquer.

Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar.

Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém.

A mim, por exemplo, o personagem G. H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria.

C.L.

(LISPECTOR, 1964, p. 7).

Ao ler essa citação, nos questionamos sobre a narrativa de G.H., pois se dirige inicialmente para “pessoas de alma formada”. Que pessoas seriam essas? Aquelas pessoas que já tinha conhecimento de suas obras, somente elas seriam capazes de entender o que realmente a obra transmitiria? A questão parece não poder ser respondida de forma completa. Além disso, ao se dirigir a “possíveis leitores”, cogita-se a possibilidade do romance não ter leitores, revelando uma maneira da autora em não se preocupar com quantidades de pessoas que iriam ler sua obra. A ideia central do texto acontece, de acordo com Nunes (1966), no momento em que G.H. começa a compreender sobre o mundo e sobre si mesma. Enfrentando seus medos, desejos, angustias que a leva a visitar um ambiente que para ela não seria agradável.

Joaquim Francisco de Assis Brasil (1973) aconselha, de forma um tanto estafagante, que deveríamos realizar a leitura dos livros anteriores de Clarice para ler *A paixão segundo G.H.*, pois assim teríamos um conhecimento avançado sobre suas obras. Por outro lado, Assis Brasil, ao abordar vários aspectos literários, concorda com os argumentos de Nunes e ressalta a estruturação estética desse romance mais para um campo do conhecimento – no caso a filosofia existencialista – do que para a ficção:

Talvez as intenções de Clarice Lispector tenha sido outras ao criar G.H., ou talvez também não se tenha apercebido das implicações múltiplas de um trabalho que está mais situado no campo do conhecimento do que no campo da ficção. A Paixão é o resultado de uma experiência das mais novas e ousadas da ficção brasileira. E por isso a autora se inscreve aqui como um dos nomes que constroem uma obra dentro de nova mentalidade e novos recursos estéticos (BRASIL, 1973, p. 79).

Jose Americano Motta Pessanha, em *Itinerário da Paixão*, publicado em 1965, afirma um certo caráter premonitório da existência da narrativa de G.H. mesmo nas obras anteriores da autora:

*Era o rio subterrâneo, um rio de água poluída, o fluente e selvagem coração da vida. A seiva culta, o mal secreto, que nutria os personagens, todos arautos do mesmo vento, todos preparadores do mesmo caminho. O subsolo da obra clariceana. Se a superfície o terreno se acidentou em contos, em longas extensões de romance ou se estilhaçou em breves anotações foi porque a superfície da obra acompanhou e refletiu abalos sísmicos profundos. A obra clariceana abriga a gestação de uma visão de mundo que só podia terminar em **A paixão**. Uma espécie de itinerário oculto, em busca da raiz do ser-em-si (PESSANHA, 1965, p. 23).*

Mesmo com todo material pesquisado e publicado a respeito de sua ficção, a escritora desnor-teou mais uma vez quem tentava compreendê-la criticamente: “A constatação é inevitável: Clarice Lispector de uma maneira geral é promessa de leitura difícil e intranquila e, por isso não satisfaz de imediato, a preferência literária. Deixá-la de lado era mais confortável do que tentar decifrá-la” (LIBANORI, 2002, p. 14). Para a crítica, com poucas exceções, entender Clarice Lispector parecia um enigma e talvez esse caráter indecifrável seja o aspecto fundamental que fez que as obras da autora tivessem uma relação estreita junto a seus leitores.

Diego Miller Fascina e Alice Áurea Penteadó Martha (2015), com o artigo “A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos”, elucidaram muitos aspectos dessas primeiras recepções dos textos da autora, pontuando tanto alguns dos autores aqui mencionados como vários outros. Se há, todavia, alguma intersecção a ser vista é o fato dos críticos aqui abordados adentrarem na questão existencial sem criar um sujeito fora do tempo, através de uma linguagem que dialoga diretamente com o leitor. Esse parece ser o grande mérito da crítica de Nunes, ao não se contentar apenas em entrever tal configuração, mas principalmente mergulhar profundamente nesse enigma.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DE BENEDITO NUNES SOBRE A OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Benedito Nunes, tal como diversos críticos, não tinha conhecimento algum sobre a jovem romancista Clarice Lispector ao escrever suas primeiras observações. Alguns desses, inclusive, acreditavam que era um homem o autor daqueles textos. Esse fato, aparentemente irrelevante, na verdade mostra como o cenário literário brasileiro era - e ainda é, de alguma forma -, um espaço masculino.

O percurso crítico de Nunes foi construído ao longo de muitos anos. Maria de Fátima do Nascimento (2009) menciona que aos 12 anos de idade ele já mantinha uma intensa relação com poemas e literatura, tendo vínculos de amizades com pessoas que mais tarde virariam escritores e poetas reconhecidos no Brasil. Neste tempo, alguns feitos importantes vieram de Nunes, como descreve Nascimento (2009):

Em 1942, o intelectual paraense, juntamente com Max Martins (poeta falecido em fevereiro de 2009), Alonso Rocha, Jurandir Bezerra e Haroldo Maranhão (romancista, criador e editor do “Arte Suplemento Literatura”, falecido em 2004), fundam uma agremiação de letras chamada Academia, que, depois, dentro dos moldes da Casa de Machado de Assis, passa à Academia dos Novos. Nessa agremiação, tendo como sede a casa de umas tias de Benedito Nunes, reúnem-se para ler e recitar composições de autores românticos e parnasianos, a exemplo de Castro Alves e Olavo Bilac, e versos metrificadas e rimados produzidos pelo grupo, através do que se exercitam na escrita de poemas, tomando como modelo os adeptos da arte pela arte, ao seguir os postulados do Tratado de Versificação, de Guimarães Passos (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

Segundo Nascimento (2014), Nunes publicou sobre Tolstói e Camus, no *Jornal Folha do Norte* no período de 1950 a 1951; posteriormente, começou a escrever sobre as narrativas de Clarice Lispector. O primeiro a ser publicado foi um artigo para o *Jornal Estado de São Paulo*, em 24 de julho de 1965. Nele, o jovem crítico abordou, a partir da perspectiva de Clarice Lispector, sentimentos como o amor e o ódio, a paixão e o sofrimento, o prazer e a dor, a vida e a morte, a felicidade e a infelicidade. Posteriormente compilou textos que viraram anos depois, o livro *O dorso do tigre*, publicado em 1969. Nascimento (2014) assim sumariza a relação de Nunes, em sua primeira obra crítica dedicada as narrativas de Lispector:

*O intelectual paraense, ao reunir os textos para o seu primeiro livro de crítica, **O Mundo de Clarice Lispector** (Ensaio), de 1966, publicado em Manaus (AM), com pequena tiragem, e dividido em cinco capítulos, altera todos os títulos, mas conserva o seu conteúdo. No jornal **O Estado de São Paulo**, os títulos são os seguintes: “A náusea em Clarice Lispector” (24/07/1965), “A paixão segundo G. H.” (04/09/1965), “O jogo da linguagem I” (20/11/1965) e “O jogo da linguagem II” (27/11/1965). Na passagem do jornal para o livro, os artigos são, na ordem seguinte, intitulados: Capítulo I, A náusea; Capítulo II, A experiência mística de G. H. O terceiro e o quarto capítulos não são localizados no jornal pesquisado; o capítulo V, Linguagem e silêncio, reúne os artigos O jogo da linguagem I e O jogo da linguagem II (NASCIMENTO, 2014, p. 3).*

O dorso do tigre foi um dos mais importantes feitos de Nunes na crítica literária, pois, em seus escritos, foram mencionados e analisados alguns dos mais importantes e influenciadores poetas do Brasil no período. Além disso, levou o reconhecimento de Nunes para fora do Brasil, e o conteúdo expresso no livro é estudado em salas de aulas universitárias até hoje.

O terceiro livro, *Leitura de Clarice Lispector*, publicado em 1973, foi dividido em duas partes, totalizando doze escritos, sendo a primeira envolvendo temas relacionados ao romance e a segunda envolvendo aspectos sobre a escritura. O quarto livro referente a escritos de Lispector, intitulado *O drama da linguagem*, foi dividido em duas partes, possuindo um total de quatorze capítulos. Com esse último feito Nunes acabou por estudar a obra de Clarice Lispector em sua totalidade, feita até o ano de 1989.

Em 2005, revisitou sua carreira no artigo “Meu caminho na crítica”, no qual articula suas experiências como crítico. Como era de se esperar, cita Clarice Lispector, fazendo pensar não somente nas obras em si, mas nas explicações e interpretações contidas em suas reflexões, como mencionado por Nascimento (2014). Algumas palavras sobre a análise de Nunes neste artigo sobre Lispector foram:

*num dos encontros, em Belém, com Clarice Lispector, depois que publiquei **O drama da linguagem** (São Paulo, Ática, 1989), sobre o conjunto da obra dessa escritora, ela me disse antes do cumprimento de praxe: “Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é”. No momento, perturbou-me essa afirmação. Hoje posso ver como foi certo, além de encomiástico, o aturdido juízo de Clarice Lispector. Ela percebia, lendo o que sobre ela escrevi, que o meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, à interpretação da cultura e à explicação da Natureza. Um interesse tão reflexivo quanto abrangente é, portanto, mais filosófico do que apenas literário (NUNES, 2005, p. 289 apud NASCIMENTO, 2014, p. 5).*

É singular, para Nascimento (2014), o fato de Nunes ter estudado as obras de vários ficcionistas, porém, a que mais lhe chamava a atenção e possuía mais pesquisas eram as narrativas de Clarice Lispector. Nunes, valorizando as obras de Clarice, ainda quando não se tratava de uma cânone, fez críticas para a apreciação e valorização dos escritos da autora, conforme citado na obra de Nascimento (2014):

*Este ensaio é uma tentativa para interpretar coerentemente a ficção de Clarice Lispector, cuja importância cresceu muito, sobretudo, depois do aparecimento de **A maçã no escuro** (1961), **A paixão segundo G. H.**, de 1964, recebido pela crítica com respeitoso silêncio, quebrado por uma ou outra apreciação, ainda não foi devidamente avaliado quanto ao lugar que ocupa na prosa de ficção da extraordinária escritora (NUNES, 1966, p. 11 apud NASCIMENTO, 2014, p. 6).*

Nunes, como vimos, não foi o primeiro crítico a analisar as obras de Clarice Lispector, porém, os escritos feitos aos diversos jornais em que colaborava obteve um retorno positivo de seus leitores, sendo visto, a partir de então, como o mais importante estudioso das obras de Lispector.

A partir da contemplação das experiências e do comportamento dos personagens principais das narrativas, Nunes almejava compreender o mundo de Lispector, mostrando que sua percepção abria novas possibilidades dentro de seus textos. Para Fascina e Martha,

O estudo do filósofo abriu margens para novas discussões e a escritora, que até então tinha seus livros empoeirados nas estantes de bibliotecas, passa a ser objeto de estudo de muitos teóricos e principalmente passa a servir como fonte de inspiração para uma nova geração de escritores que vinha despontando naquela época. Seria, então, de fato, a reconstrução de expectativas (2015, p. 101).

Para Candido (2004), Lispector estruturou uma problematização do estilo e da expressão imbricado à temática existencial, sobressaindo de momentos rotineiros, criando novas experiências fora do comum, criando novas visões e novos mundos. Através de elementos transpassados para o imaginário, para se fazer uma narrativa contra a mecanização moderna, criando-se então, um mundo com os seus próprios sentimentos e emoções, buscando o sentido da vida. Essa percepção também está em Nunes, que alia a importância do existencialismo à experiência pessoal na reflexão filosófica e na construção da linguagem:

Não se pretende afirmar, com isso, nem que a ficcionista vá buscar as situações típicas de seus personagens na filosofia existencial, nem que as intenções fundamentais de sua prosa só desse conjunto de doutrinas receba o impulso extra artístico que as justifica e anima. No entanto, é sempre possível encontrar, na literatura de ficção, [...] uma concepção-de-mundo inerente à obra considerada em si mesma, concepção esta que deriva da atitude criadora da artista, configurando e interpretando a realidade. Qualquer que seja a posição filosófica da escritora, o certo é que a concepção-do-mundo de Clarice Lispector tem marcante afinidade com a filosofia da existência (NUNES, 1969, p. 94).

A própria sensação de náuseas da personagem G.H. pode remeter a Sartre, pois é a forma emocional violenta da angustia, que arrebatada o corpo, ampliando, em certa medida, para o leitor a mesma sensação. Assim, afirma Nunes (1969):

Quando nos sentimos existindo, em confronto solitário com a nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem, quando percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do ser (NUNES, 1969, p. 94).

A angústia é diferente do medo, pois o mal-estar é causado pela insegurança da condição que ela apresenta naquele determinado ambiente. Contudo a personagem G.H. corre o risco inerente à liberdade, pois a ameaça da angústia gera o cuidado e a preocupação com o futuro. Afirmou Nunes (1969):

[...] a angústia, que assinala a extrema lucidez a que chega a consciência em confronto consigo mesma e com os seres, jamais apaga o nexa entre consciência e sentido. A lucidez que ela dá é o discernimento extático do corte que há entre o nosso modo de ser e o ser das coisas. Desse ponto de vista, o sentimento de angústia é a consciência exacerbada, o paroxismo da liberdade (NUNES, 1969, p. 96).

Tendo-se a consciência embebida no absurdo, G.H. descobre algo que a eleva do supérfluo e irrelevante. Sua liberdade é paralisada ao encontrar um desenho que irá surgir das suas emoções de forma brusca, despertando sensações de rejeição, fuga, recusa. Ao ter um desejo de vomitar, mencionado a náusea, tanto física e quanto existencial, G.H. é instigada por aquilo que não pode se compreender, paralisando sua liberdade.

Em *A paixão segundo G.H.*, o desencadeamento da história irá acontecer quando a personagem sente uma náusea causada por uma barata que foi encontrada no quarto da empregada, saindo de dentro do guarda-roupa. A protagonista permanece naquele ambiente sentindo diversas emoções: o simples nojo com misto de curiosidade começa a surgir na personagem até se transformar em uma estranha coragem para matar aquele inseto contra a porta do guarda-roupa. Nesse momento ela começa a ver aquela situação como sua primeira vítima; e vendo-a, descobre o que estava dentro do inseto, uma matéria organizada em cascas, com antenas e olhos, matéria crua, viscosa, repelente, que escorreu pastosa pelo seu corpo esmagado. Adiante, G.H. sentia náuseas que a dominava, trazendo, simultaneamente, reflexões sobre a existência daquela barata em seu mundo:

como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama-era lama, e nem sequer lama já seca, mas lama ainda úmida e viva, era um lugar onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes da minha identidade (LISPECTOR, 1964, p. 57).

G.H. desestrutura-se internamente, a partir desse estágio de epifania. Como em um ritual, há uma construção amalgamada entre o ser que foi morto e a própria protagonista, no qual “o sacrifício e o sacrilégio se confundem, a redenção significando a anulação da personalidade e o amor a entrega do Eu a potências cósmicas indiferenciadas, não-éticas, que tem um lado sombrio e diabólico, infernal, e outro luminoso e divino” (NUNES, 1969, p. 101).

Essa construção ontológica da literatura como busca do ser-em-si é feita pela linguagem. O jogo estético que a autora apresenta em sua obra amplia o diálogo com o ser, envolvendo o próprio objeto da narrativa apresentado, afastando-se do inautêntico para buscar a si mesmo. A palavra, desse modo, enfrenta diversas barreiras ligadas à comunicação e volta-se ao silêncio para dele tentar sair, na busca entranhada em si mesma, pela essência, desconsiderando os vocábulos acessórios, ou, como afirma Nunes (1995):

todos os temas gerais, de ordem filosófica e religiosa – liberdade e ação, bem e mal, conhecimento e vida, intuição e pensamento, o cotidiano e as coisas, Deus e a existência humana [...] podem ser reduzidos a um só problema, latente ao itinerário do herói e à trajetória da própria narrativa, e que dá a esse romance uma latitude metafísico-religiosa: o problema do ser e do dizer (NUNES, 1995, p. 57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu expor algumas críticas referentes às primeiras obras de Clarice Lispector e, sobretudo, ao romance *A paixão segundo G.H.* Por mais divergentes que se apresentaram em um primeiro momento, há, de uma forma geral, uma convergência entre a construção estética da linguagem como artifício para uma reflexão filosófica.

A linguagem acaba sendo a protagonista da narrativa de G.H. justamente por ser o meio que a protagonista se vale para perscrutar seu próprio eu, se desenvolvendo com o seu próprio objeto da narrativa, demonstrando o problema da existência, com uma dificuldade de expressão e comunicação. Observa-se uma união íntima entre a existência e a linguagem, ambas se entrelaçando com sua identidade pessoal e do ser.

A personagem nos convida a uma reflexão ontológica, tornando a narrativa uma experiência de sensação, não necessariamente de compreensão. Essa abordagem tem em Benedito Nunes o principal crítico argumentador, havendo uma sintonia entre o próprio fazer ficcional e a crítica.

CRITICAL NOTES ON THE PASSION ACCORDING TO G.H., BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: *This paper aims to point out important literary criticisms done on the first works of Clarice Lispector and on the novel *The passion according to G.H.*, having as main contribution the studies of Benedito Nunes. From the first moment, the importance of issues related to existentialism, the human condition is highlighted. In general, it can be concluded that both Nunes' research, as well as that of other important critics, a directions towards a relationship between language and being by G.H. who lives her Passion opposite to the Passion of Christ Himself, in a journey that impels her to remake her own existence.*

Keywords: *Literary Criticism; Existentialism; The Passion According to G.H.*

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. *História crítica da literatura brasileira: a nova literatura*. Rio de Janeiro: Americana, 1973. (v. I O romance)
- CANDIDO, Antonio. Uma tentativa de renovação. In: CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 87-93.
- FASCINA, Diego Miiller; MARTHA, Alice Áurea Penteado. A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 11, n. 1, p. 92-109, jan./jun. 2015.
- FASCINA, Diego Miiller; MARTHA, Alice Áurea Penteado. A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 11, n. 1, p. 92-109, jan./jun. 2015.
- LIBANORI, Évely Vânia. *Água viva: o processo criador de Clarice Lispector e o papel do leitor*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2002.
- LINS, Álvaro. A experiência incompleta: Clarice Lispector [sic]. In: LINS, Álvaro. *Os mortos de sobrecasaca: obras, autores e problemas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p. 186-193.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1964
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, 1981. v. 2.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- NASCIMENTO, Maria de Fátima do. Benedito Nunes e o estudo da obra de Clarice Lispector. ABRALIC, 14, *Anais [...]*, 2014. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434480323.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.
- NASCIMENTO, Maria de Fátima do; NUNES, Benedito. Percurso crítico no Suplemento Arte Literatura do Jornal Folha do Norte de Belém do Pará. *Anais do Seta*, n. 3, 2009. Disponível em: www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/download/617/446. Acesso em: 21 out. 2020.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.
- NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector* (ensaio). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966. (Série Torquato Tapajós, v. 6).
- PESSANHA, José Américo Motta. *Itinerário da paixão*. Rio de Janeiro: Cadernos brasileiros, 1965.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. São Paulo: Vozes, 1979.